



NA GUERRA: O automovel-cosinha distribuindo refeições

(The Illustrated London News)

Ilustração

2.^a série—N.º 471

Lisboa, 1 de Março de 1915

Redacção, administração, oficinas de composição e impressão: RUA DO SÉCULO, 43

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Director: J. J. J. DA SILVA GOMES

Troquelado de J. J. J. DA SILVA GOMES, Lda.

Editor: JOSÉ JOURENT CHAVES

ASSOCIADA PARA PORTUGAL, GALIZIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:
Trimestre 1\$20 ctv.
Semestre 2\$40 >
Ano 4\$80 >

Portugueza

Numero avulso, 10 centavos

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, Rue des Capucines, 8

REMINGTON
UMC

Rifle de Repetição Calibre 22 Para Tiro Ao Alvo E Caça Meuda

Para uma boa recreação no campo experimente-se este Rifle de repetição calibre .22. É leve, certo, rápido e bastante para toda a caça meuda. Não se deve temer nenhum accidente devido a que esta arma está provida com deposito solido e cão invisível. Fazem-se unicamente de calibre .22.

Repetidora Marca REMINGTON-UMC. Peçam para ver este Rifle.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLÉN
Caixa Postal 20 A,
Manaus

Lozistas nos Paizes quentes.

FERRO QUEVENNE

CURA:
ANEMIA
FERRES, DEBILIDADE
Activo, agrado, económico, inalteravel.
A fazer o Sello da "Union des Fabricants"

TELEPH.
N.º 2638

PERFUMARIA ROSA D'OURO

COLossal
SORTIMENTO
Rua de Oura, 281 JOAQUIM N. ALVES
LISBOA

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Gizella

O MELHOR SABONETE



OFICINA DE VULCANISAÇÃO

José Lopes Bernardino & C.^a

R. DO TELHAL, 44, 46

Prevenimos os nossos clientes de que já temos concluída a montagem das novas maquinas, podendo fazer todos os concertos em pneumaticos e camaras d'arte com brevidade, perfeição e solidez, tomando inteira responsabilidade pelos concertos feitos nas nossas oficinas. Cola para colar a frio e para vulcanisar. Remetem-se tabelas gratis com preços e condições da nossa casa. Telefone 4:218

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardinagem, criação de animaes, etc.

PREÇO 20 RÉIS CADA NUMERO

Resposta a consultas pre-tação de serviços técnicos, análises e informações

FOR ASSINATURA Trimestre, 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO
DO GENERO

REMEDIO FRANCÊS

XAROPE FAMEL

CURA AS
TOSSES

FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as farmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT,
28, rua dos Sapateiros, LISBOA. Frasco de parte de — rando 2 Frascos.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 471

1-3-1915

Arvores

Vae realizar-se em breve, por todo o paiz, a festa da árvore. N'essa tocante cerimónia, verdadeira écloga infantil, a creança portugueza aprenderá a amar na árvore o grande gesto de bênção da natureza fecunda, — ao mesmo tempo fruto, sombra e flôr. Um passatempo? Não. Uma lição. Se ha inimigo obstinado e universal da árvore, — é o homem. Ensinar a creança a amal-a, é corrigir desde a infância as suas instintivas tendências destruidoras. Compreende-se o ódio do homem ao homem; não se compreende o ódio do homem á árvore. E, entretanto, ele existe, vivo, bárbaro, instintivo, inexplicavel. Sentimo-lo em volta de nós, nas terras áridas, escalvadas, esbraçadas de sol que rodeiam Lisboa. Se, na Africa, esse ódio revêste uma expressão feroz, — o marroquino, em Portugal encarna n'um simbolo risinho, — o saloio.



da árvore, — é o homem. Ensinar a creança a amal-a, é corrigir desde a infância as suas instintivas tendências destruidoras. Compreende-se o ódio do homem ao homem; não se compreende o ódio do homem á árvore. E, entretanto, ele existe, vivo, bárbaro, instintivo, inexplicavel. Sentimo-lo em volta de nós, nas terras áridas, escalvadas, esbraçadas de sol que rodeiam Lisboa. Se, na Africa, esse ódio revêste uma expressão feroz, — o marroquino, em Portugal encarna n'um simbolo risinho, — o saloio.

As cartas politicas

O facto sensacional da semana foi a publicação dos documentos politicos encontrados nos paços reaes. Da leitura d'esses documentos, conclúe-se que nos estadistas da monarquia havia a obsessão do poder, — o que tem sucedido em todos os paizes e em todos os tempos; que os mesmos estadistas tinham o inofensivo costume de dizer mal uns dos outros, — o que depõe mais contra os homens do que contra os regimens; que um rei inexperiente, desconhecendo o politicos do seu paiz, anotava cuidadosamente o que esses politicos



cos diziam uns dos outros para saber o que havia de pensar de todos eles, — o que só prova que nem todos os monárques possuem a grande memória de D. João V. Mas o que, acima de tudo, se conclúe do livro publicado, é que o portuguez tem o vicio incorrigivel de escrever cartas, e que as cartas, tanto em politica como em amor, não comprometem apenas quem as escreve, — mas, muito especialmente, quem as recebe.

Sara Bernhardt

Ha dias, no hospital de Bordeus, o dr. Pozzi amputou a perna direita a Sara Bernhardt. Os progressos d'uma ósteo-artrite tornaram a operação indispensavel. A noticia comoveu o mundo inteiro. Porquê? Porque um cirurgião mutilou uma septuagenaria? Não. Para nós todos, a amputada não foi apenas Sara Bernhardt; foi toda a legião formidavel e resplandecente das suas creações, foi toda a Beleza imortal que ela gerou, a «Gismonda» e a «Tosca», a grega «Phedra» e a bysantina Theodora, «Cleopatra» e «Marion Delorme», «Adriana Lecouvreur» e a «Dama das Camélias», — todas as grandes amorosas, todas as grandes desejadas, todas as figuras eternas de Mulher a que a ilustre trágica emprestou, em instantes de génio, o seu corpo divino e a sua alma melodiosa. Com a desgraça de Sara, a França conta hoje, no seu ativo de Beleza, duas estátuas mutiladas. Uma no hospital de Bordeus, — de muletas. Outra, no museu do Louvre, — sem braços.



Ha dias, no hospital de Bordeus, o dr. Pozzi amputou a perna direita a Sara Bernhardt. Os progressos d'uma ósteo-artrite tornaram a operação indispensavel. A noticia comoveu o mundo inteiro. Porquê? Porque um cirurgião mutilou uma septuagenaria? Não. Para nós todos, a amputada não foi apenas Sara Bernhardt; foi toda a legião formidavel e resplandecente das suas creações, foi toda a Beleza imortal que ela gerou, a «Gismonda» e a «Tosca», a grega «Phedra» e a bysantina Theodora, «Cleopatra» e «Marion Delorme», «Adriana Lecouvreur» e a «Dama das Camélias», — todas as grandes amorosas, todas as grandes desejadas, todas as figuras eternas de Mulher a que a ilustre trágica emprestou, em instantes de génio, o seu corpo divino e a sua alma melodiosa. Com a desgraça de Sara, a França conta hoje, no seu ativo de Beleza, duas estátuas mutiladas. Uma no hospital de Bordeus, — de muletas. Outra, no museu do Louvre, — sem braços.

«Salomé»

Realizou-se hontem, no Teatro Nacional, pelos artistas-discipulos da Escola da Arte de Representar, a interpretação da «Salomé», de Oscar Wilde. Nunca uma tão forte onda de voluptuosidade passou na obra sumptuosa do poeta, onde se diria que as gemas fulguram sobre velhos brocados hirsutos d'ouro. E' o triunfo da nudez núbil e da forma ondulante. E' uma das mais perfeitas expressões da perversidade na arte. E' uma das obras primas da litteratura moderna. A «Salomé» de Oscar Wilde, alma da «Salomé» maravilhosa de Moreau, não nos convence apenas de que o desdenhoso Brummell de 1900 era um grande poeta: afirma-nos que Wilde conhecia a Mulher muito melhor do que poderiam supor todos os seus caluniadores.



JULIO DAINTRAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

DO DIÁRIO D'UM SOLDADO



«Naulila, 25 de dezembro.

Minha querida mãe:

Desejo que passe bem o Natal e que esteja de saúde, que a minha ao fazer d'esta não é lá grande coisa. O raio das sezões estão teimosas. Mas não lhe dê pena, que tanto quinino hei de tomar que se não de ir embora. O que me arre-

lia é este descanso agora. Tomará que entrassemos outra vez na dança para dar cabo, á minha parte, de meia duzia d'aqueles cães. Não crio alma nova enquanto não vingarmos os que nos ficaram no vau de Caiveque e o nosso tenente. A morte d'ele não me pode lembrar sem sentir um aperto cá por dentro que me estrafega a garganta; e não me tenho que não chore. A fuzilaria das metralhadoras já não bofe comigo; mas ha coisas... E olhe que não estou amolecida; sou o mesmo que d'aí partiu. Vocemecê bem viu que voltei as costas a tudo como um homem bruto... Tem-na visto? Não se zangue com a pergunta, mãe, que quer! Não se varre da memoria aquela perversa. Bem quero eu esquecel-a e dal-a ao despreso, mas ha de levar seu tempo.

Mando-lhe junto um caderno para que m'o guarde na arca da roupa. Se quizer saber mais pelo miudo o que por cá se tem passado peça ao nosso visinho boticario que lh'o leia quando lhe ler esta. Mas não m'o suma. Ainda quero tornar a viver n'ele quando já fôr velho, a minha mal aventureira mocidade que só n'estas terras da Africa achou algum alivio a tantas penas. Adeus, mãe. Grandes saudades para si e lembranças aos visinhos e á rapaziada dos nossos sitios.

D'este seu filho
Marcelino.»

Transcrevo agora uma parte do caderno enviado pelo soldado de dragões africanos á digna camponeza sua mãe, a Mariana do Outeiro, muito estimada na vila, lido á noite na botica á destinatária diante do mestre escola e do regedor, pessoas das mais gradas por aqueles arredores. Basta o importante:

«26 de outubro, Lubango.

«Estamos n'um quartel feito á pressa em quatro casarões a poucas leguas do Bruco. Por enquanto só combates com o gentio do Humbe, em exploração. N'eles caíram alguns dos nossos. Quem me di-

ria a mim o que eu havia de lutar para vender cara a vida, eu que queria morrer no primeiro combate em que entrassemos. Assim não daria tanta pena á velhota: longe da vista... Agora? isso sim! Quando se entra na dança é como se um vinho forte nos subisse á cabeça. Nada nos contém. E' andar p'rá frente. O nosso tenente dá o exemplo. Aquilo é que é um bravo ás direitas. Uma criança, mais nova que eu, leva tudo atraz de si, mesmo os mais encolhidos. E fica a comandar o esquadrão, apesar de haver outros mais antigos. E' que o comandante já viu de que barro aquilo é feito. Tirassem-nos este chefe por quem nos deixariamos matar como um bando de codornizes e sempre queria vêr para que serviamos, um punhado de homens contra um poder de eles... Se ao menos viesse gente de Lisboa corriamos depressa com esses saltadores que estão sempre entrando pela nossa Africa. Ainda ha tres dias morreram dois dos nossos n'um reconto com uma patrulha de reconhecimento do inimigo. Contam para aí que os alemães são mais de 3:000 com basta artilharia. Se eles tomam a ofensiva antes de nos chegarem reforços estamos arranjados. Mas ha de lhes custar caro com gente como a nossa. Por mim estou disposto a tudo. Assim eu tivesse coragem para as minhas penas... Que hei de acabar com esta parvoíce. Reparigas ha-as por lá bem sériasinhas, capazes de fazerem a felicidade de um homem trabalhador e honrado, como me dizia tanta vez a velhota. Santa mãe. Não que ela já tem outra idade para vêr as coisas e conhecia bem aquela refalsada. Quando me lembro da malvada ainda me dão ganas de lhe fazer alguma... Seria a minha desgraça, a Penitenciaria, está bem de vêr. Lá os rapazes da minha geração não m'o tomariam a mal, mas a minha velhota finava de desgosto, coitada. Antes com honra pe'a barra fora. Ah! que não possa eu esquecer aquela cruel! Uma mulher não é obrigada a gostar d'um homem qualquer. Não me queria, não me queria, acabou-se. Mas uma traição assim... e eu que gostava tanto da rapariga!... Quando a velhota me dizia que aquilo me não servia, que era uma dengosa, que só gostava de secias para enfeitigar os rapazes, até me zangava com ela, tão minha amiga. Mãe, mãe...»

Aqui o diário interrompia-se. As letras mal se distinguiam. Manchas amareladas aos recortes salpicavam a espaços esta parte no caderno do soldado.

«4 de novembro.

«As maleitas não me largam. E quasi todos por aí na mesma. O nosso tenente tambem não traz boa cara. Hontem viu-me a tremer com o arescimo e vá de arrebanharr mantas por onde as achava para me cobrir.

—A que horas principiou isso, ó 17—perguntou-me ele aconchegando-me a roupa com a mão entrapada.

—A's dez, meu tenente.

—Vê lá então se amanhã de madrugada te esqueces do quinino.

«E lá se fô «trabalhar» os cavalos bravios que nos chegaram do Cabo para o picadeiro que se arranjou no cercado do quartel.

«Isto é que é um superior! Assim a modos como

um irmão dos soldados. Também se algum se faz malandro, ferra-lhe um cascudo que o faz ver estrelas ao meio dia. E o sargento já lê pela mesma cartilha.

«Com gente assim, ninguém comete faltas.

«As patrulhas alemãs tornaram a romper a fronteira. Isto vae mal. O gentio do Cuamato revoltado. Os cavalos doentes. Se os de Lisboa se não lembram de nós vae tudo p'ró major.»

«25 de novembro.

«Temos andado pelo mato em exploração. Por ali dormimos, comendo odos o mesmo, como se não houvesse patentes. E apesar de vivermos em liberdade, que disciplina! É um feitiço, isto de saber levar os homens assim. Só me faz lembrar umas pedras que ás vezes achava em garoto no meio das terras lavradas, lá nos meus sitios e com que brincava arrastando uma molhada de pregos sem lhes tocar. Era o pasmo da garotada. Que não sabia o

«5 de dezembro.

«Os do Cuangar tudo massacrado. Isto é de uma pessoa se enfurecer. Cães! Não vir um raio que os parta. O nosso tenente está pólvora. E os outros. Que ele ha por aí na infantaria officias de mão cheia. E o comandante: então é de alto lá com ele, valente, destemido a valer.»

«13 de dezembro.

«A noite passada é que foi uma coisa como nunca vi. Já de tarde tinham caído alguns debaixo do tiroteio dos alemães. Mas nada se pareceu com o da passagem do Cunene. O nosso esquadrão passou o vau, lá isso é verdade, mas sempre debaixo do fogo inimigo. Era de ensurdecer. O que nos dava alma era o nosso tenente tão animoso, bradando a cada passo:

—Coragem, rapazes, p'rá frente.

«E passámos. La me ficou o pobre João da Ribeira,



que fazia mexer os pregos. Perguntei ao mestre, ao boticario, ninguém sabia; e eu parafusava n'aquilo até que um dia o cirurgião, que tinha vindo á vila tratar o meu velhote que Deus tem, me disse quando lhe mostrei uma pedra:

—Isso é ferro magnetico, rapaz, pedra iman.

«Não fiquei sabendo mais. Mas deve ser a modos um condão assim, o do nosso tenente, que faz mexer os homens. Se lhe der na vontade, leva-nos atraz de si sem a gente saber. Se fossem todos os superiores d'esta força, não haveria dentro em pouco um inimigo com vida n'estes sertões da Africa. Que eu tenho para mim que devemos ir primeiro aos alemães. Aqui anda manigancia d'eles por força na revolta do gentio. Quem lhes atirára com um bom par de lanças para cima dos lombos! Mas sem gente, que havemos nós de fazer? Ah! Lisboa, Lisboa, que és outra que tal, desnaturada. E queres então luxar com as riquezas d'esta grande terra? Pois manda gente p'rá defender, minha desatinada, minha traidora!»

ra, tão meu amigo, e outros. Mas o João dá-me grande pena. Tíhamos vindo juntos. Eramos da mesma criação. Com ele é que eu abria o meu peito, que ninguém como ele conhecia a minha desgraça. Quando já me tinha corrido o primeiro prego para casar com aquella infame, foi ele que veiu ter comigo mais uma vez, apesar de eu lhe ter virado as costas, esquecendo a nossa antiga amizade.

—Ainda estás a tempo, rapaz, não cases.

—Mas que sabes tu d'ela, homem?

—Pergunta á tua mãe, eu já te disse o que te havia de dizer. Não cases.

«Cuidei de endoidecer quando a velhota me disse tudo.

«Tinham-se combinado, a malvada e o fidalgo d'os Lagares para me lograrem. Ele todo generoso queria fazer-me quinteiro lá na propriedade, visto eu ser trabalhador e bom filho, dizia, como se não fosse essa a minha obrigação. Era para a ter lá nas suas terras á vontade e pôr um nome ao que viesse;

o infame... Mas ela, ela com a sua carinha de santa, a refalsada, a dizer-me que gostava de mim e eu tão cego... Aquilo só com a vida fóra. Também já não se me dá, é uma infe'iz como ha tantas. Lá terá o seu castigo. Era o que me repetia João. Ninguem as faz que as não pague, homem, deixa lá. E o caso é que já se ia gastando esta dôr á beira d'aquelo amigo... Que diabo! As lagrimas são para as mulheres. Isto é lá de um soldado de dragões!...»

Nova interrupção no caderno manchado.

«17 de dezembro.

«Tive de largar de escrever por uns dias. Um homem amolece quando estas coisas do coração saem cá para fóra. Mas nada de fraquezas que o caso agora está de respeito.

«Os alemães vieram acampar perto do Vau de Calueque. São em grande numero. Ha quem diga vinte e cinco mil, trinta mil, n'estas coisas exagera-se sempre. Mas que são muitos é verdade. Se fossem da força dos nossos seria uma razia.

«Temos a passagem do Vau defendida por um destacamento de cavalaria. As nossas tropas foram postas em posição de combate. Mas o resultado é capaz de ser o massacre de todos nós. As forças são poucas, espalhadas, por diferentes sitios, em Calueque serão ao todo uns setecentos brancos e duas companhias de landins. Isto vae ser bonito».

«18, ás 4 da manhã.

«Os alemães saíram do acampamento dirigindo-se para leste. Se atravessarem o bosque de espinheiros chegarão ao encontro dos nossos sem se dar por tal. Já avistámos os de Naulila do movimento. Oh!...

«19 de dezembro.

«Meu dito meu feito. A' traição. Que dia o de honra! O nosso tenente... ai, não posso... não posso!».

O diário aqui estava uma lastima. A escrita tremida atestava o soluçar convulso do dedicado rapaz, cujos olhos se tinham desfeito em lagrimas ao largar a pena. Coração amável de mulher em peito forte de soldado.

«20 de dezembro.

«Era madrugada quando eles romperam o fogo. Haviam-se aproximado das nossas posições durante a noite sem serem vistos. O troar da artilharia tinha-me surpreendido a escrever. Duas descargas como toque de alvorada. E não foram mais. Foi um vomitar de granadas que não tinha fim. O fogo castigou sem descanço a extrema esquerda da nossa frente de combate. A infantaria apanhou em cheio. Durante quatro horas o flanco esquerdo respondeu com vigor á fuzilaria do inimigo. As nossas metralhadoras aguentaram o primeiro combate. Depois a infantaria desorganizou, perdido o superior que comandava n'um dos flancos. Todos valorosos, á parte um ou outro que não vale contar. O fuzilar era cerrado, medonho, quando acudimos de Calueque pela retaguarda do inimigo. Deslocam a reserva e colocam-nos entre dois fogos. Mãi nos viamos uns aos outros quando o nosso tenente caiu com um heroe sem um desfalecimento da coragem na hora extrema. Um brado.

«E não foi morte inutil que se não fóra ele nem um só se salvava na retirada. Bem tentou o comandante contra-ataques. Valente tambem, aquilo! Mas não

se podia assistir a um fogo assim. Dezesais metralhadoras, oito peças de artilharia de grosso calibre, cavalaria numerosa, tudo contra nós, tão de perto. O que admira é ter ficado algum vivo n'um destroço d'aquelles. E então para quê, quando caíram outros de mais valia para não se levantarem mais. Que importa lá que tenha grandes baixas o inimigo! Ainda ficam de sobra, olha a vantagem. Quando para os arrasar perdemos tantos dos nossos melhores. Ai, o nosso tenente... o que me ha de dar remedio a esta pena? Vingá-lo! Sim, levar tudo a ferro e fogo deante de mim mal entre em combate. Não de m'as pagar todas já que me tiraram tudo.

«21 de Dezembro».

«E não de posse do posto, os ladrões. Até os baracões que serviam de hospital incendiaram, aquelas feras. O que vale é que tudo aqui é gente de alma, mesmo os cirurgiões. Salvaram-se a tempo os doentes todos. Como havemos de correr com estes saltadores de estrada se não vem tropa de Lisboa? E que a mandem: primeiro que cá chegue faça Deus bom tempo. Eu bem me lembro do que foi quando viemos. Ficámos todos aqui. Com quatro metralhadoras contra aquela massa de peças que podemos fazer? E o gentio com elas. Morrer com honra. E acabou. Debaixo d'este chão não nos chegará o frio estamos com sorte. Faz por cá uma calma...»

«E lá se me acaba o caderno, estou na capa. Vou manda-lo á velhota não me leve por cá sumição. O nosso tenente ainda me disse um dia d'estes:

—Saiste-me um letrado. Que diabo de garantijas andas para aí a fazer?

—Isso são cá desabafos, meu tenente—respondi eu envergonhado. Pois não de m' fazer companhia, lá para o deante quando eu já não tiver forças para cavar as terras e fazer a colheita, que não terei então ninguem, a minha velha dormirá debaixo da terra e... mulher não me põe os pés da soleira para dentro, levada a minha santa mãe. Se eu não ficar por cá. E dou por bem empregado. Não fica o meu tenente?

Agora tenho de escrever para casa que vem chegado o Natal, dia de consoadas. Não me tens lá, mãe, mas has de gostar de vêr nas minhas letras que não esqueci o dia...»

.....
Como moralidade do conto direi:

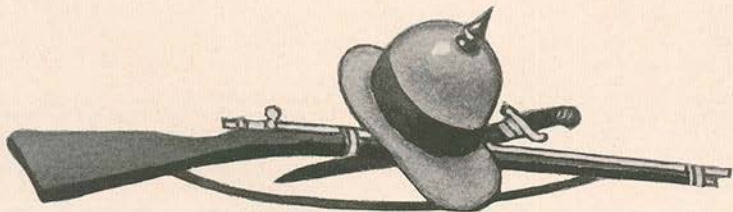
Os verdadeiros heroes não aspiram a recompensas. Guiados pela irradiação de uma visão espiritual avançam ousados para a glória pela morte ou pelo triunfo, inacessíveis a interesses mesquinhos, tendo na alma o sereno contentamento do dever cumprido ao fim da jornada, nos labios o sublime conceito de isenção:

«Se servistes a patria que foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, ela o que costuma.»

Faça e'a embora o que costuma; mas enquanto precisa dos seus filhos mais devotados que não atire com eles desajudados de todo o auxilio para os confins do mundo onde oscilam os mais solidos esteios da sua grandeza, onde cáem prematuramente os defensores mais heroicos da sua independencia.

13—II—915.

A. C.





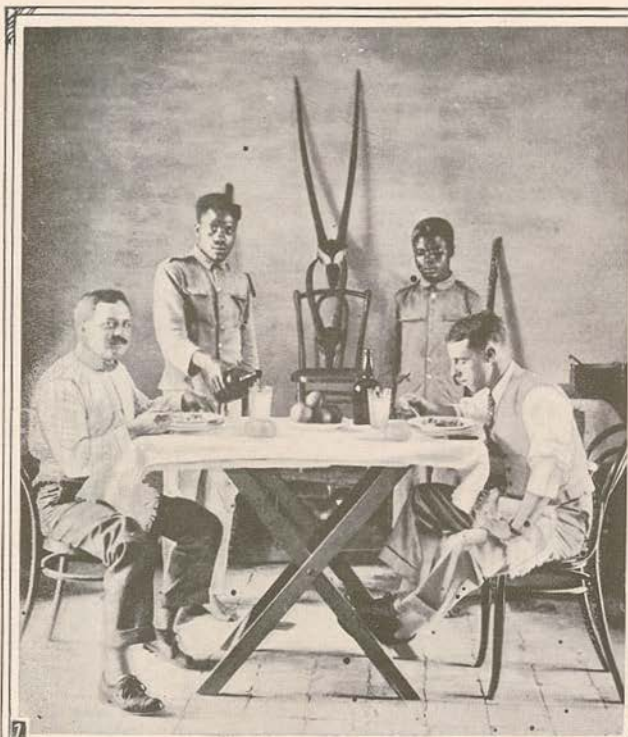
Um grupo de officas que combateram em Naulila. Sentados da direita para a esquerda, capitães Reis e Patacho, tenente Sabo e alferes Menezes. De pé, tambem da direita para a esquerda, tenente Stockler, alferes veterinaro Abade, tenente Bellencourt e tenente Matias.—(Cliché tirado 15 dias depois do combate de Naulila)

Estão quasi aclaradas todas as circumstancias em que se deu o combate de Naulila. As ultimas cartas confirmam mais uma vez os processos traiçoeiros dos alemães e a valentia tradicional dos

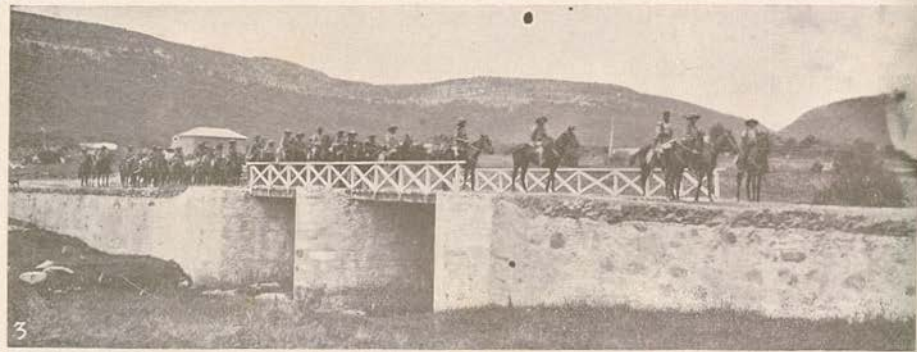
nossos soldados, que não pôde de fôrma alguma ser desmentida, porque uma duzia d'elles que deixaram a enxada para pegar pela primeira vez n'uma espingarda vacilaram deante de forças muito



A chegada ao Lubango do resto do 1.º esquadrão de dragões que tão corajosamente atacou os alemães em 18 de dezembro de 1914, evitando um grande desastre aos poucos portugueses surpreendidos por numerosas forças inimigas. A frente o comandante tenente sr. Artur Matias e junto do automovel os srs. drs. Corte Real, Neves e Magalhães.



1. Almoço na residência dos tenentes Aragão e Matias, que ainda nem sequer presumiam a invasão alemã
 2. O tenente Matias, novo comandante do 1.º esquadrão de dragões que esteve 22 dias sem se lavar, nem mudar de roupa, ié, ao voltar do campo de batalha, uma carta que diz nunca poderá esquecer



3. O 1.º esquadrão de dragões de Mossamedes, chegando ao Lubango depois do combate de Naulilla

superiores, ouvindo por cima das cabeças o estourar medonho das granadas.

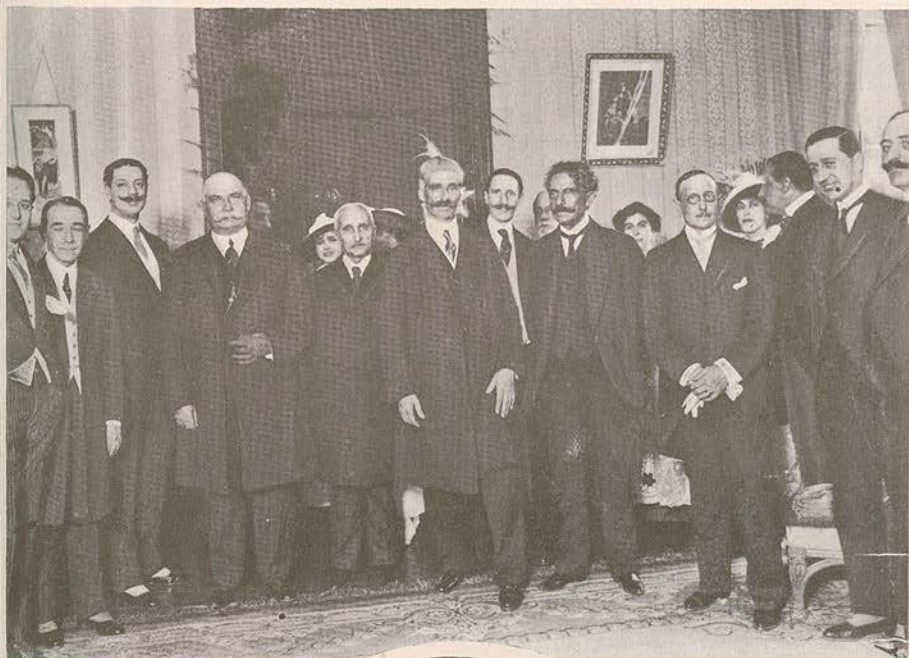
Não ha noticia nenhuma, vinda de Africa, que não enalteça sobretudo o valor e a temeridade com que o 1.º esquadrão de dragões se atirou contra os alemães, fazendo n'elles grande destroço e impedindo-lhes uma victoria que eles tinham quasi como certa. Tambem cada vez mais se admira a heroicidade com que se bateu o seu co-

mandante, o tenente Aragão, heroicidade que lhe custou gloriosamente a vida.

A's noticias e ás fotografias já publicadas pela «Ilustração Portuguesa», sobre este memoravel acontecimento, acrescentamos hoje uns «clichés» flagrantemente tirados depois do regresso das nossas tropas ao Lubango.

São documentos que comovem profundamente com a lembrança viva do que se passou.

O embaixador portuguez no Brazil



Na primeira recepção da embaixada de Portugal no Rio de Janeiro. Da esquerda para a direita: o secretario de Italia; dr. Alberto de Oliveira, consul geral de Portugal; o ministro da guerra e introdutor diplomatico, sr. Duval; ministro de Italia; senador sr. Urbano dos San-

Com a assistencia de todo o ministerio, entregou o sr. dr. Duarte Leite, nosso embaixador no Brazil, as suas credenciaes ao sr. presidente da Republica brasileira, trocando-se n'essa occasião as mais vivas saudações aos dois paizes irmãos.

A cerimonia realisonou-se no palacio de Guanabara.



Na escadaria do palacio de Guanabara. No 1.º plano, aos lados do sr. dr. Duarte Leite, o introdutor diplomatico e ministro da guerra, sr. Duval, e um official da casa militar do sr. presidente da Republica. No 2.º plano, os srs. dr. Ferreira d'Almeida, 1.º secretario da legação portugueza; dr. Alberto de Oliveira, conselheiro comercial; dr. Brandão Paes, segundo secretario, e conselheiro Barbosa dos Santos, adido financeiro

tos; vice-presidente da Republica e presidente do senado federal; o sr. dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal; dr. Ferreira d'Almeida, secretario; e senador sr. Pinheiro Machado, vice-presidente do senado; ministros da Argentina e Chile e os seus respectivos secretarios.

A' recepção que em seguida se efetuou na embaixada portugueza, assistiram todas as pessoas mais gradadas da colonia portugueza residentes no Rio de Janeiro e muitos membros do corpo diplomatico estrangeiro ali acreditados, e revestido grande brilhantismo.

A PAZ

(Viver é lutar).



I

Retumba o obuz no ar!... Trôa o canhão!...
O sanguinaro instinto primitivo
Renasce!... e cresce, hediondo, rubro e vivo,
Como do incendio o tetrico clarão!...

Feroz se torna o Homem! O cativo,
Livre da peia nobre da Razão,
Esquece ter no peito um coração
E torna-se um selvagem!... Convulsivo,

Espumante de raiva, — *Ódio* é seu brado!...
— E' um tigre, um leão, lóbo esfaimado,
— Um bandido, um infame, um assassino!...

Mata, destroe e fere entusiasmado!...
E engolfa-se no Mal que é seu Destino,
— Em ondas de rancor ensanguentado!...

II

Só quando apoz a luta encarniçada
O *campo*, envolto em trevas e misterio,
Se transforma n'um ermo cemiterio,
Onde a materia humana esfacelada

Se mistura e confunde, amontoadá,
— Miseravel trofeu, triste, funéreo!... —
Um vulto espiritual, sublime, etereo,
Deslumbrante d'alvura imaculada,

Estende as suas azas docemente
N'um afago de Mãe que os filhos beija,
Sobre a massa que inerte em terra jaz!...

.....
— Essa visão piedosa, omnipotente,
Sacrosanta dos campos da peleja,
— E' a figura ideal da Eterna Paz!

Porto Fevereiro de 1015.

Esmeralda de Santiago.

NO FUNCHAL



Orquestra sinfónica.—Aos esforços do maestro sr. Manuel Ribeiro, chefe da banda de infantaria 27, aquartelada no Funchal, se deve a formação de uma orquestra sinfónica, que já all tem dado concertos em que se tem executado musica difficil com o agrado unanime da assistencia. A orquestra compõe-se, conforme a photographia que reproduzimos, dos srs.: 1.º plano da esquerda para a direita: Henrique Gonçalves, João Fernandes, João Trigo, Wilbraham, Manuel Ribeiro, Freitas Branco

e João de Deus Quintas; 2.º plano: José Guilherme Gonçalves, Cruz Vieira, Antonio Trigo, João Sacramento, Antonio Calres, Cesar Santos, H. Ramalho e J. F. da Cruz; no 3.º plano: Julio Barreira, Luiz Fernandes, Jeronimo Ferreira, J. Gualberto, M. A. de Figueiredo, J. da Costa e M. d'Agular. No medalhão o estudante de direito sr. Elmano Vieira, que realison uma brillante conferencia n'um dos concertos, intulada *As correntes da poesia moderna em Portugal*.



Grupo de convivas do banquete de confraternisação evolucionista realisado no «Monte Palace Hotel» em honra do sr. dr. Manuel Augusto Martins.—(«Cliché» do distinto photographa amator sr. J. J. Silva Vieira).

Uma festa de instrução em Lourenço Marques

Para proceder á distribuição de premios aos alunos da Escola 1.º de Janeiro, de Lourenço Marques, realisou-se ali uma festa a que presidiu o governador geral, sr. general Joaquim José Machado, e na qual fiseram uso da palavra o coronel sr. Roque d'Aguiar e o capitão sr. Leiveno. Ambos os oradores se referiram encomiasticamente ao trabalho dos distintos professores sr. J.



V. Solipa Norte e sua esposa, que apresentaram a exame 88 alunos, dos quaes 52 obtiveram a classificação de «distintos» e 14 foram aprovados. Houve ainda um premio de honra, o «Premio Sampaio», no valor de 50 escudos, que foi conferido á menina Amelia Norte que, entre os mais distintos, deu as mais brilhantes provas. Em seguida á sessão foi servido ás creanças chá e bolos, depois do que se realisou uma visita á exposição de labores, cujos trabalhos mereceram elogiosas palavras das pessoas que a visitaram.



1. Um grupo de creanças depois do chá.
2. A menina Amelia Norte, contemplada com o «Premio Sampaio Albuquerque».
3. Saindo da exposição de labores. O governador, o sr. general Joaquim José Machado, e os professores sr. J. V. Solipa Norte e sua esposa.

O Velho Mundo em guerra

Acima de todas as ameaças alemãs com esquadras aéreas e submarinas, o que preocupou mais esta semana os espiritos foi a atitude da Itália, quasi a romper uma linha já pouco serena de neutralidade para se lançar no conflito.

Sucedem-se, entre ela e a Austria, incidentes, para cuja solução a diplomacia acabará qualquer dia por se dar como impotente. O que surge, ao escre-

vermos estas linhas, não sabemos se se liquidará a troco de desculpas. Alguns aeroplanos austriacos bombardearam um navio italiano no Adriatico, esfrangalhando-lhe a bandeira ica da á ré. Um grande movimento de protesto arripou a Itália e a corrente dos que querem a guerra braziu coleras contra a odiada detentora de Trento e de Trieste, havendo manifestações e tumultos de muita gravidade.

Mas liquidem-se, ou não, mais este incidente no campo diplomatico, é fóra de duvida que hão de sobrevir outros mais e que um d'elles será o inevitavel ponto de partida para um embate medonho.

Já ninguém se ilude sobre o estado de tensão em que se encontram as duas velhas aliadas, que no fundo nunca se deixaram de odiar e de espreitarem ensejo para saltarem por cima das fronteiras apropriando-se do que mais julgavam do seu direito e da sua conveniencia.

Não é hoje, mas será amanhã. É fatal a entrada

da Itália no conflito, que está como nós já sofrendo muito das consequências da guerra, e para as quaes não encontrará a menor compensação, se não entrar n'ela.

E a preparação n'esse sentido é evidente. Todos os dias o telegrafo nos noticia a concentração de tropas italianas na fronteira. Segundo os melhores calculos não se encontram hoje ali menos de 600.000 soldados com material de guerra abundante e do mais moderno.

Pelo seu lado a Austria responde-lhe da mesma forma. Todas as tropas, que lhe deixam disponíveis as exigencias da luta com os russos e os servios, concentram-se na fronteira italiana. Acaba mesmo de suspender o serviço de comboios de passageiros e de mercadorias para essa fronteira, reservando as linhas ferreas unicamente para serviço da força armada.

Quer dizer: basta uma faúlha para tudo aquilo se converter n'um forte brazero.

E pôde afirmar-se que a maioria dos italianos é pela guerra; se ainda ha grandes divisões nos partidos politicos a esse respeito; se ainda ha muitos que abraçam a opinião de Giolitti em como a Itália, mantendo-se de braços cruzados, pôde conseguir os mesmos resultados que sacrificando milhares de vidas sem necessidade, o maior numero é sem duvida por que se entre no conflito, não como quem se coloca simplesmente ao lado dos alia-



A princeza russa Shakhovskaya no serviço da aviação contra os alemães e austriacos



O venerando general Riciotti Garibaldi, chegando a Paris, passa em frente da Sociedade Preparatória Militar nos Campos Elísios, na companhia de seu filho o coronel Pepino Garibaldi

dos contra a ambição germanica, ou como quem vae só defender os principios da justiça e do direito moderno contra a mais absorvente das tiranias, mas tambem como quem vê chegada agora propicia de atacar a Austria n'um desforço sonhado de tantos anos, n'uma ancia de reivindicações que devem tornar a Italia senhora de todo o Adriatico.



*Russos levando pristoneiros austriacos
(«Cichés» Chusseau-Flaviens)*

E, realmente, a Italia não vê outro inimigo senão a Austria. Nem quer saber da Turquia, nem a preocupa a idéa de uma guerra santa declarada pelo sultão. Até os cuidados da Cirenaica e da Tripolitana se lhe dissipam ante a arrogancia d'aqule inimigo que tanto abusou da sua fraqueza de outr'ora.

Deve ser uma colisão terrivel!



A rainha da Romania



Duelo no ar: Um biplano francez perseguindo um biplano alemão.—(Fotografia tirada de um aeroplano francez).



A explosão de uma trincheira alemã provocada por minas ali colocadas pelos franceses.—(Da Illustrated London News).



Na Polónia. Uma terrível carga de cossacos destrói completamente uma bateria alemã. — (Da Illustrated London News).



No Camarão: Os aliados cortando uma linha ferrea e atacando os alemães em Nhoé.—(Da Illustrated London News).



Um automovel francez blindado atacado pela infantaria alemã e heroicamente defendido pelos soldados francezes.— (Da Sphere).



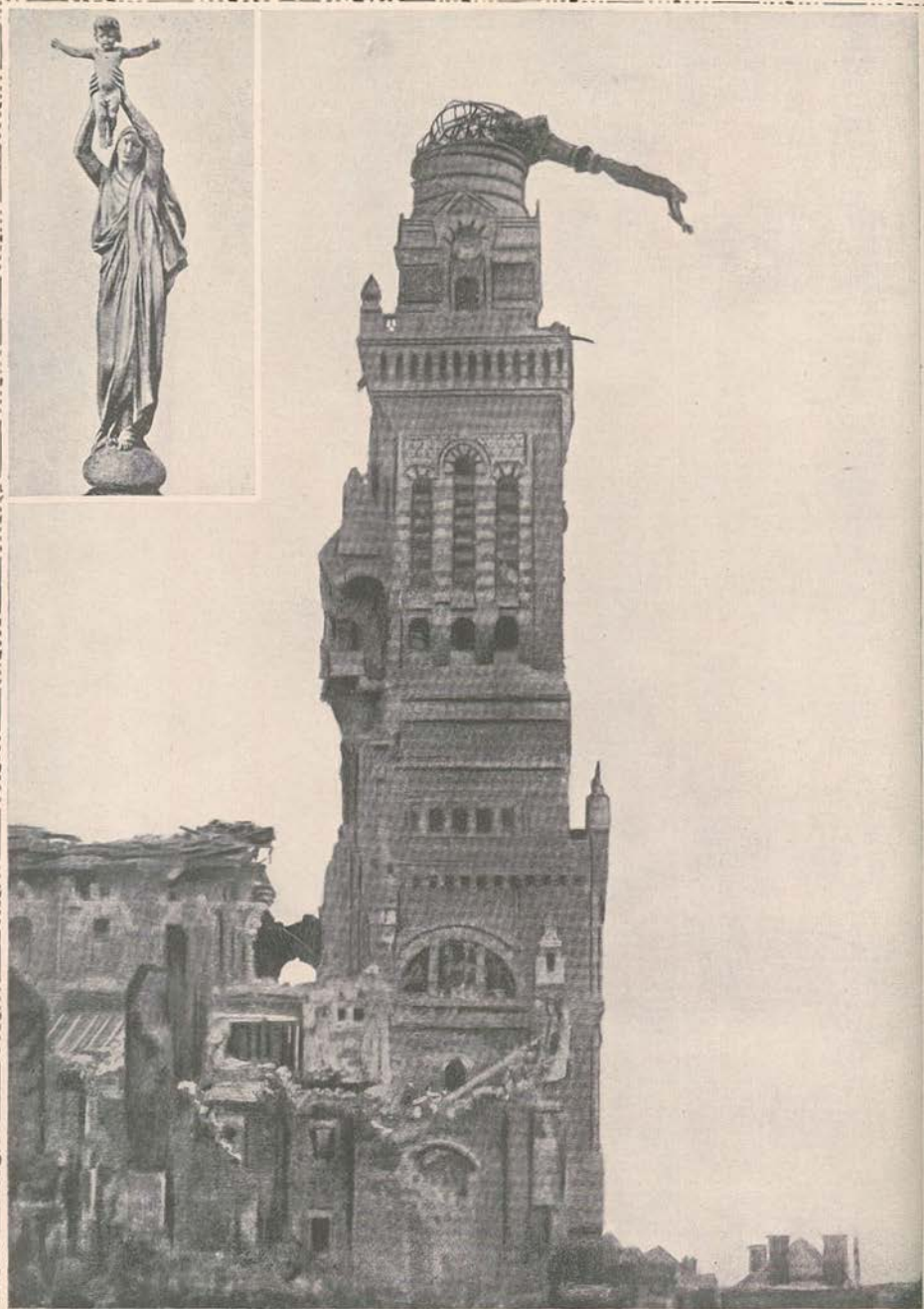
1. Na Alsacia: O príncipe de Gales e o general French vendo uma das trincheiras conquistadas aos alemães.

(Do Illustrated London News).

2. Em Soissons: O campo da batalha depois do grande combate em que os franceses derrotaram o inimigo.



Uma aldeia ao Norte da França depois da passagem dos alemães



1. A virgem da Torre da Basilica d'Albert.

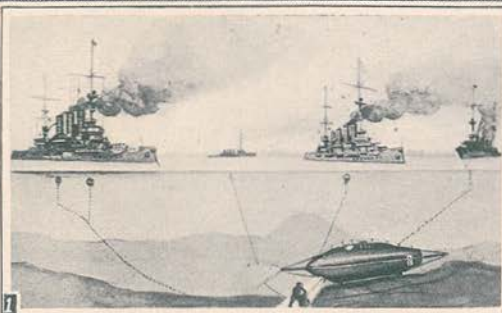
2. O estado lastimoso a que ficou reduzida a torre da Basilica d'Albert, depois do canhoneio dos alemães, vendo-se tombada no alto da torre e milagrosamente suspensa sobre o abismo a preciosa escultura da Virgem Dourada que a rematava, sustentando ainda o filho nos braços



- Distribuição de viveres aos cossacos do Dão. — («Cliché» Chusseau-Flaviens).

AS MINAS E OS SUBMARINOS

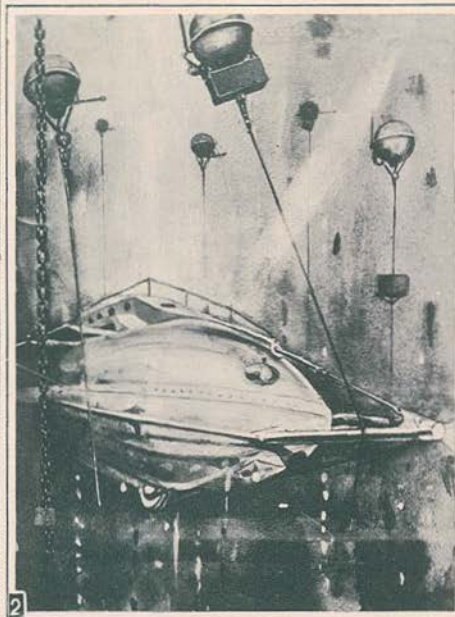
A grande velocidade de que em geral são dotados os submarinos para se conservarem submergidos não lhes permite evoluções rápidas e curtas com que se livrem de tocar nas minas ou na corda da ancora, provocando a explosão. Esse inconveniente está removido por uma nova classe de submarinos, barcos de pequena velocidade, que se escapam perfeitamente às minas e que,



Um mergulhador sai de um submarino de rodas de Simon Lake e coloca minas por baixo de navios de guerra.

excepcionaes vantagens, é claro que são também esses barcos os mais proprios para colocar minas. Tem na parte inferior compartimentos para todos os pretechos e em especial, á frente, onde vão instalados os mergulhadores, que d'elles saem para os abismos e a ele recolhem depois da operação, com uma facilidade e socego admiraveis.

Podem conservar-se por tempo illimitado de-



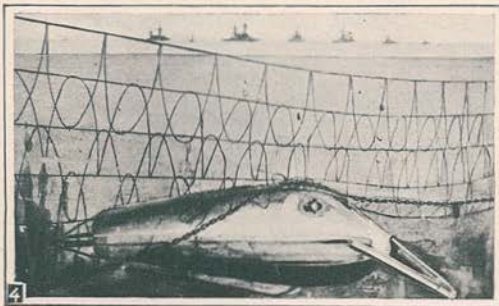
Um submarino passa por um campo cheio de minas, afastando os cabos de ancoragem com as suas guardas.



O mergulhador sai da porta-alçapão do submarino com extrema facilidade e coloca uma mina contra um navio de guerra.

por isso, tem o nome expressivo de *mine-evalding*. Esses é que andam por entre elas com a facilidade e segurança com que nós andamos por nossa casa por entre moveis, sem tropeçar, sendo, além d'isso, a sua superficie protegida em volta por guardas, presas a um arco. Também vogam por cima e por baixo d'elas sem as tocar, sendo providos de rodas que até lhes permitem andar sobre o fundo do mar como barcos automoveis.

Devido a estas



O submarino Lake passa por baixo da defera de um porto, vendo-se a rede deslizar-lhe pelo dorso, que se assemelha ao de um cetaceo.

baixo de agua, sem que ninguém se aperceba da sua presença, mesmo dentro dos portos, debaixo dos outros navios. Vigiam as costas, patrulham os canaes, tem maravilhosas comunicações telefonicas com a terra, e, sendo preciso, o seu papel, á primeira vista, meramente defensivo, pôde converter-se n'um elemento ofensivo dos mais terriveis e eficazes.

Pertence a invenção d'este barco ao illustre engenheiro mr. Simon Lake.



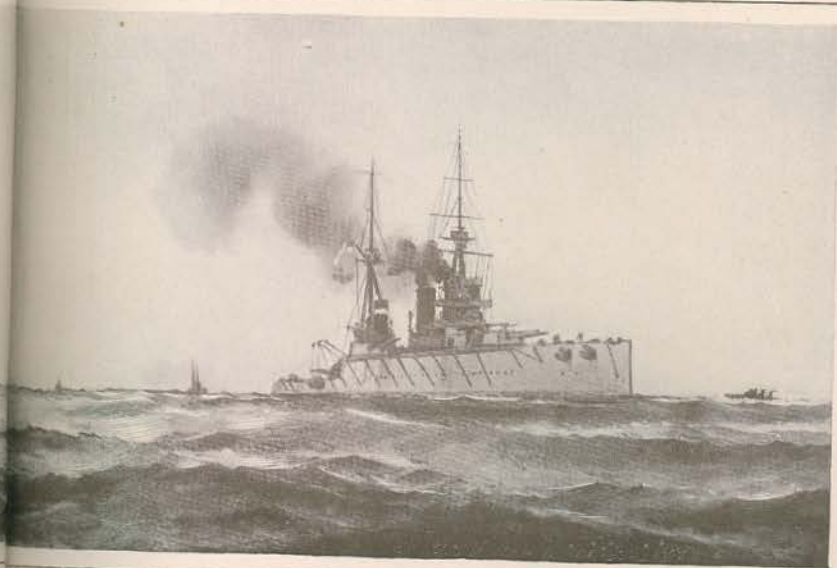
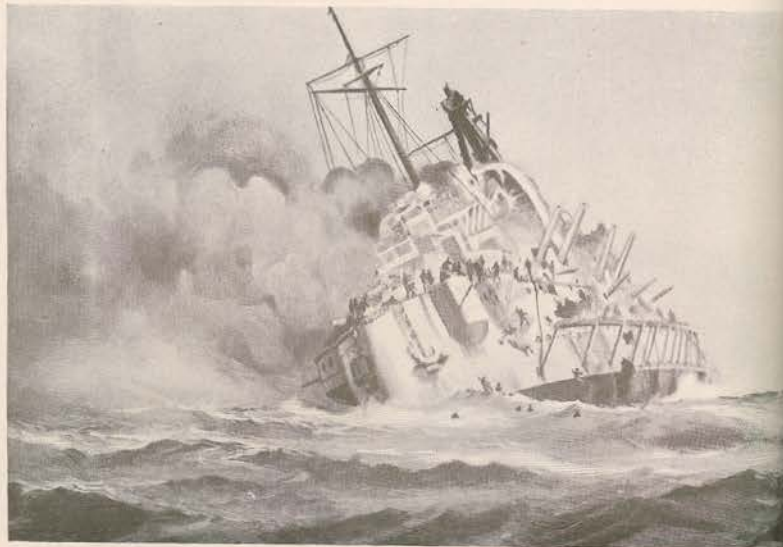
1. Na frente da batalha: O general Joffre com o seu estado maior.—2. O general Joffre na linha de batalha, ao passar revista às tropas, interroga paternalmente um soldado que está ferido n'um braço.



Uma conferência trágica: O major Balzerick *, do 16.º regimento de infantaria austro-húngaro, capturado pelos sérvios na aldeia de Kivajia e reconhecido pelos aldeões como tendo ordenado um massacre na mesma aldeia, ante as suas vítimas.



Os russos defendem com a os a isrlacos a entrada de uma aldeia, vendo-se o trecho de uma das pitorescas e características habitações da região feitas de toros de arvores serrados no meio e cobertas de espesso colmo.—(Cliché Flaviens).



O cruzador «Lion» e «destroyers» ingleses recolhendo os sobreviventes do cruzador «Blucher», antes de este se afundar.—(Da «The Sphere».)

As finanças da Triple Entente



M. Bark

M. Ribot

M. Lloyd George

A Inglaterra, a França e a Rússia acabam de praticar um ato de extraordinária significação para a aliança cada vez mais sólida que as une no campo da batalha contra a barbaria germanica. De uma reunião celebrada em Paris entre os seus respectivos ministros das finanças, M. M. Lloyd George, Ribot e

Bark, resultou a proposta aos seus governos d'um pacto, que assegura, pelos encargos eguaes que tomam as tres grandes potencias, o adiantamento de recursos tanto a elas como a outras nações que entrarem na guerra para continual-a até a vitoria final.

FIGURAS E FACTOS



7. (1) matas de Sanguem (India)—Um javali morto pelo distinto caçador e professor do liceu de Nova Goa, sr. Alberto Martins.



Monumento a Camões—É interessante e revela o grande talento dos seus autores a esplendida «maquette» do monumento a Camões com que entraram o escultor sr. Maximiano Alves e o arquiteto sr. Guilherme Rebelo Andrade no concurso ultimamente estudado. O júri concedeu-lhe menção honrosa.



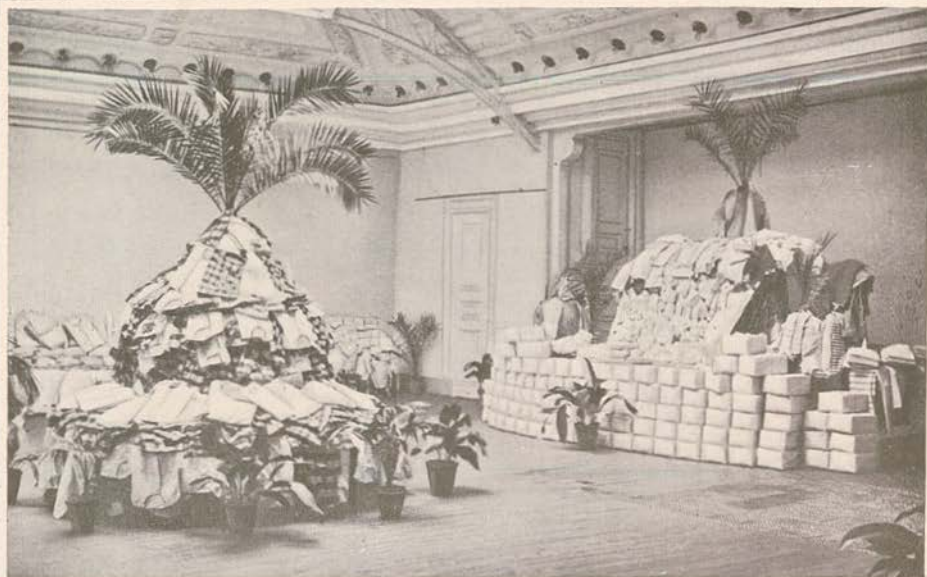
Contos maravilhosos—A sr.ª D. Emilia de Sousa Costa, escritora muito distinta e de grande valor, acaba de lançar mais um livro no mercado, intitulado «Contos maravilhosos», extraídos das «Mil e uma noites». A obra é ilustrada pelo inspirado desenhador sr. Alfredo Moraes e editada pela livraria Classica, da Praça dos Restauradores.



2. O arquiteto sr. Guilherme Rebelo de Andrade.—3. A «maquette» do monumento a Camões, que obteve menção honrosa.—4. A sr.ª D. Emilia de Sousa Costa, autora do livro «Contos Maravilhosos».—5. O escultor Maximiano Alves.—6. O israelita sr. I. Many, doutor em direito, que escreveu o livro intitulado «Etude critique sur la constitution de la Republique Portugaise».

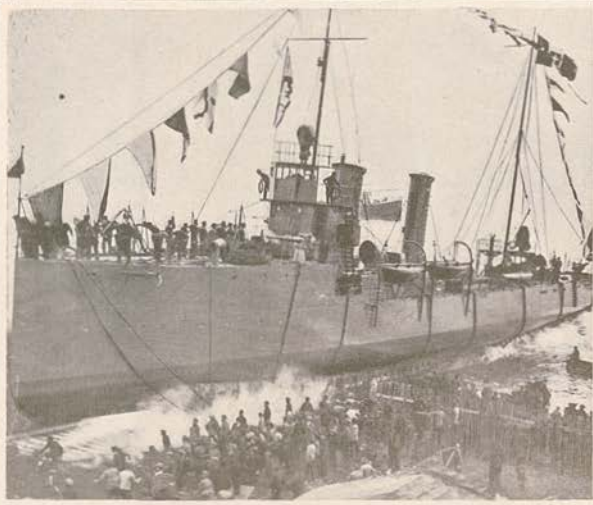


7. O sr. Filipe José Pedro da Costa, conhecido industrial, falecido em Lisboa.—8. O general de brigada reformado sr. Antonio Pedro de Brito Vila Lobos, falecido em Lisboa aos 79 anos. Foi director do Colégio Militar e tinha a medalha de bom comportamento.—9. O sr. David Corazzi, filho do extinto editor do mesmo nome, falecido recentemente em Lisboa.—10. O sr. Francisco da Silva Jordão, comerciante, ha dias falecido nesta cidade.—11. O tenente sr. Alvaro Pereira Magno, filho do abalassado professor da Escola Normal de Lisboa, sr. Albino Pereira Magno, falecido na Amadora.



No salão da *Ilustração Portuguesa*: Um aspeto da exposição de 7.692 peças de roupa e de penso, que o *Seculo* envia para os soldados portugueses, tendo a exposição sido visitada por inúmeras pessoas e pelo sr. ministro das colónias, acompanhado do seu chefe de gabinete, que louvaram calorosamente a iniciativa do *Seculo* e a generosidade dos seus leitores.

O CONTRA-TORPEDEIRO «LIZ»



Entrou no Tejo o novo contra-torpedeiro «Liz», construído nos estaleiros de Gio. Ansaldo, de Itália, para a nossa marinha de guerra. O navio veio d'all sob o comando do 1.º tenente sr. João Augusto d'Oliveira Muzanty.

UMA ATRIZ DE FUTURO



A novel atriz Maria Teresa

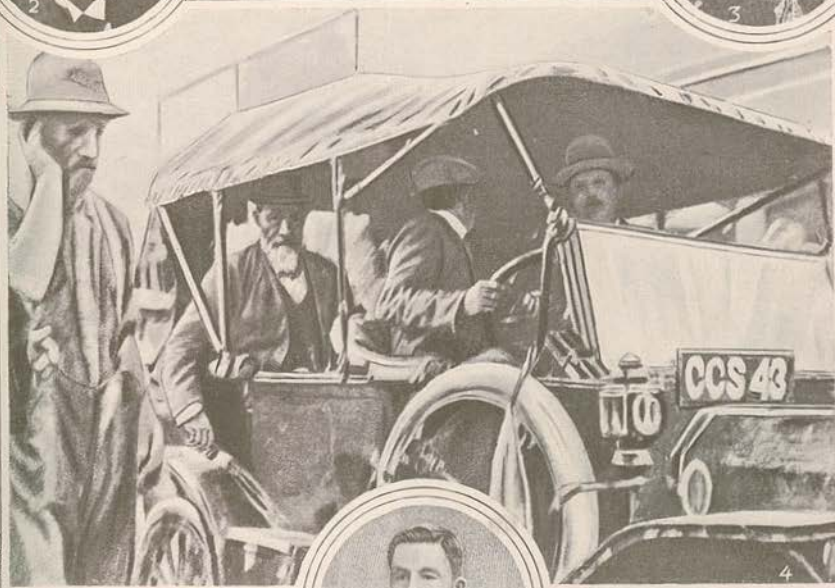
27

Na remodelação e renovação que Eduardo Schwalbach fez à revista VERDADES E MENTIRAS para ser representada em sessões, destaca-se entre os intérpretes dos novos papéis a encantadora e graciosa Maria Teresa que faz o «Pin-pam-pum», vendedor de ananases. Viva, esperia, e com um deliciao fio de voz, a interessante cresca todas as noites lisa os seus «scapiteas» no meio de calorosos aplausos. Oh nos enganemos muito, ou está all uma futura estrela de opereta.

OS INGLEZES NA AFRICA DO SUL



1. Os rebeldes do comando do general Cristiano De Wet e a caminho de Veyburg, depois da sua prisão.
2. O general boer Botha — 3. O general boer Beyers
4. O general De Wet, depois de feito prisioneiro, é conduzido em automovel.



O general boer Cristian De Wet.

Está completamente dominada, e sem a mínima possibilidade de renascer, a sublevação provocada por alguns elementos boers nos domínios ingleses sul-africanos. Os alemães cuidavam ainda mal cimentada a anexação do Transvaal e do Orange, e trataram, pelos seus conhecidos processos de espionagem, intriga e suborno, de arrebanhar alguns cabecilhas da luta de ha anos e lançá-os na aventura de uma insurreição. Poucos foram, porem, os que cederam ás instigações germanicas, arrastando com eles algumas centenas de

mercenarios que pagaram bem czaro os seus serviços a uma causa de traidores. Em poucas semanas as tropas inglesas derrotavam-nos completamente, dando uma lição tremen.la aos que ainda pensassem em seguir-os, que não seriam muitos, pois a quasi totalidade dos boers e dos orangistas conservaram-se fieis, porque tteem conhecido os salutareos efeitos da bela administração e da sã justiça do governo inglez. Entre os gemaeres que se conservaram fieis nota-se o valente general Botha, que foi quem deu mais valente caça aos revoltosos.

AINDA O CARNAVAL

(Mais crianças mascaradas)



1. O menino Luiz Ferreira Alves Junior, do Porto.—2. A menina Fernanda Chaves Dias Ferreira.—3. A menina Maria Lina Ferreira de Lima.—4. O menino Mario Alberto de Souza e Brito.—5. A menina Maria Clementina Ermida Parreira (em «Nora», da «Casa de Bonecas», de Ibsen).—6. A menina Maria Tereza do Vale, o menino Augusto Jorge Teixeira e a menina Maria A. Vila Nova.—7. A menina Maria G. dos Santos Silva.—8. A menina Alda d'Almeida C. Parreira.—9. O menino Raul Parreira, (em «Loustic», do «Jolicoeur»).—10. A menina Alice Celestina Ermida Parreira (em «Mira de Amescura», da «Cavalière»).—11. A menina Fernanda C. Lapa Correia.